

TERMINA HOJE

O CONGRESSO NACIONAL DA J. U. C.



Vai terminar o I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica. O futuro manifestar-nos-á melhor a sua importância. Ainda assim, podemos facilmente chegar a algumas conclusões consoladoras.

Em primeiro lugar, o Congresso jucista foi realmente um êxito, quer pelo número de congressistas, cerca de 2.000 — e mais não foram por mais não ser possível aceitar — quer pela categoria das teses apresentadas, pelos esclarecimentos conseguidos pelas aproximações a que deu lugar. Não há dúvida de que os objectivos em vista foram alcançados e de que será possível, mais tarde ou mais cedo, realizar as aspirações, agora enunciadas, dos universitários católicos.

Temos, pois, de felicitar os organizadores deste Congresso, que podemos considerar histórico. Tudo indica que foi largamente preparado, pelos próprios universitários e pelos seus assistentes, dentro do conhecido método da Acção Católica: «Ver, julgar e agir».

Um dos sectores de maior responsabilidade da Acção Católica Portuguesa acaba assim de nos dar a prova admirável de que os esforços obscuros de anos e anos não foram em vão. Não é a primeira vez que o grande movimento de restauração cristã em Portugal nos oferece provas manifestas de êxito na formação de «elites», em vários sectores. Outros Congressos, no passado, assinalaram, de forma convincente, a presença de uma mentalidade cristã activa em importantes sectores nacionais. Agora, porém, temos o exemplo da adesão de milhares de universitários de ambos os sexos aos princípios cristãos, numa hora de crise para a Universidade — escola da cultura — em vários pontos do Mundo, mesmo na cristandade e até em Portugal.

Sempre que a Igreja se encontra perante a Universidade, o encontro desperta ecos profundos. É que a Igreja foi, por assim dizer, uma poderosa transmissora de cultura no passado, animadora, orientadora e iluminadora. No presente não se afastou ainda da missão de ensinar e iluminar o ideal dos homens.

No nosso tempo, graves responsabilidades pesam nos ombros dos que têm a missão superior de ensinar e educar, de formar e orientar.

O Mundo apresenta-nos, dia a dia, escola após escola, o espectáculo conflagrador do divórcio entre a cultura e a fé; e o resultado é uma civilização que não se desliza de todo sómente pela persistência de algumas raízes profundas.

Impossível a reconquista dos caminhos cristãos — perdidos por tantos, ansiosamente buscados por alguns — sem a presença da Igreja e dos católicos militantes nas esferas intelectuais. Quando a Igreja, por um equívoco lastimável na cristandade, é afastada da sua missão docente na Universidade, mais necessário se torna que os universitários — os que ensinam e os que aprendem — imponham a sua presença.

O Congresso prestes a terminar em Lisboa significa a plena compreensão desta necessidade e o propósito de marcar esta presença.

Uma lição podemos tirar dele — que talvez se afigure surpresa para alguns: a reconquista da mocidade universitária, após a sua rebelião ou indiferença, favorecidas pelos tempos que corriam, não está apenas no domínio das aspirações distantes, acaso irrealizáveis; está já no domínio das realidades eloquentes pelo número, pelo entusiasmo e pela eficácia.

Os mestres dão a mão aos alunos, unidos no mesmo amor à Universidade e na mesma fidelidade à Igreja.

Não temos quaisquer dúvidas em esperar que desta fidelidade — desta presença crescente — resultem os maiores benefícios para a perfeita harmonia da consciência nacional, que não pode ser cristã no povo e pagã nos doutores.

O ideal — bem o sabemos — seria uma Universidade católica num país católico, como se verifica nalguns países da Europa e das Américas. O que não seria demais, pois não faltam Universidades católicas em países pagãos. Enquanto não se atinge, porém, esse ideal, contentemo-nos com a certeza de uma volumosa, dinâmica e conquistadora presença: a dos universitários católicos na vida da Universidade e na vida nacional.

São estas as considerações que nos sugere o I Congresso da Juventude Universitária Católica, Congresso histórico, sem dúvida, por marcar, de forma visível, o termo de um como que eclipse do prestígio cristão entre os universitários e o início de uma nova era de cooperação intelectual e projecção cristã na Inteligência portuguesa.

A sessão de encerramento

preside o Senhor Cardeal Patriarca

e nela serão lidas e aprovadas as conclusões e votos formulados

Nas reuniões de ontem discutiram-se teses de excepcional interesse, nomeadamente a que diz respeito à criação duma Universidade Católica em Portugal

Ontem, terceiro dia de trabalhos do I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, o entusiasmo e o interesse por parte dos dois mil rapazes e raparigas que se encontram reunidos em Lisboa, mantiveram-se vivos como no primeiro dia.

Os trabalhos tiveram início às 9 horas, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde o Senhor Arcebispo-Bispo de Coimbra celebrou missa de comunhão geral, sendo acolitado pelos revs. padres Drs. Urbano Duarte e Nogueira, assistentes do C. A. D. C., de Coimbra. Teve como diácono de missa o Padre António Rocha.

Após o Evangelho, o Senhor Bispo-Conde dirigiu aos congressistas algumas palavras.

Começou por dizer: Queridos congressistas! Estamos aqui para nos consagrarmos a Nossa Senhora, a quem a Igreja dedica o dia de hoje. Vós estais aqui em íntima união com Ela, para que sobre vós e sobre o vosso Congresso, caiam as Suas melhores graças.

O grandioso espectáculo da vossa presença aqui, tem um alcance enorme incalculável, aos olhos daqueles que sabem ver as coisas. Especificamente e tem também especial alcance e projecção no mundo de hoje. Mas em vós, queridos congressistas, dominam verdadeiramente gloriosas, a Fé e a Confiança em Deus, para que a Santa Igreja remodele o Mundo.

Depois, o ilustre Prelado salientou: Estão corrompidos os costumes. A raça humana está enfraquecida. O Mundo, desorientado e sedento de mal. O erro anda satanicamente organizado contra Deus, Fonte de toda a Verdade, do Bem e do Direito. Mas vós, universitários, tendes razão para esperar que seja vencida a corrupção e levantado um mundo novo.

E prosseguiu: Uma coisa, porém, é certo. Sejam quais forem os meios, a Santa Igreja precisa sempre de Apóstolos e ganhará.

Há 20 séculos — acentuou — a Santa Igreja, teve de conquistar o Mundo. E o que fizeram então?

O mesmo que vós estais fazendo por Deus e por Nossa Senhora, entregando-se inteira e totalmente às santas práticas e procurando tornar-se ricos de fé. E só depois, com as suas almas a transbordar de Luz, se lançaram gloriosamente à conquista.

A Santa Igreja — disse, depois — continua a precisar de apóstolos, especialmente nos meios de cultura. O Mundo será amanhã como que formado à imagem e semelhança da Universidade. Por isso, abençoado seja este Congresso. Que o Senhor vos faça cada vez melhores apóstolos, desta decisiva cruzada para salvação do Mundo.

PROGRAMA PARA HOJE

Às 9 horas, na SE PATRIARCAL — Solena Pontifical, com a assistência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa.

Às 11 horas, excursões facultativas.

Às 16 horas, no I. S. TECNICO — 5.ª e última reunião plenária de trabalhos. Tese: «Liberalismo e Igreja». Relator: Prof. Dr. Augusto Vaz Serra, da Faculdade de Medicina de Coimbra. Presidente: Prof. Dr. Alvaro Júlio da Costa Pimpão, da Faculdade de Letras de Coimbra.

Às 17,30 horas, no I. S. TECNICO — Sessão de encerramento sob a presidência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa. Programa: Discurso, pela presidente-geral da J. U. C. E.; «O Congresso e a renovação da Universidades. Leitura e aprovação das Conclusões e Votos do Congresso. Palavras de encerramento por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca.

Continua na 6.ª pág., 1.ª col.

19/4/53

I Congresso Nacional da J. U. C.

Nas sessões conjuntas da manhã

apresentaram teses os srs. Daniel Serrão, D. Maria Isabel Nogueira, Rogério Martins, D. Maria de Lourdes Pintasilgo e Adérito Nunes

Pouco depois das 11 horas, voltaram a reunir-se em salas diferentes do I. S. T., as cinco secções do Congresso, para leitura e discussão das questões subsidiárias, assistindo a uma das reuniões, o Senhor Arcebispo de Mililene. Grande número de congressistas assistiu a cada uma das reuniões as quais despertaram vivo interesse.

Apostolado universitário

Daniel Serrão, do Porto, apresentou a tese «Apostolado Universitário», dizendo que tal apostolado deve entender-se como apostolado de universitários na Universidade.

Falando do «meio» universitário, considerou a Universidade como centro de inspiração da cultura nacional, como factor fundamental da orientação da vida social e como centro formador do escolar intelectual e do grupo dirigente da sociedade.

Analisou a natureza específica do apostolado universitário, considerando-o como apostolado eminentemente intelectual citando a propósito a Carta de Pio XII ao XXI Congresso Mundial de «Paz Romana».

Encarou os dois aspectos fundamentais do apostolado universitário: difusão do pensamento e da cultura católica na Universidade; e conquista do futuro escolar nacional.

E aludiu á importância primordial do apostolado universitário para a Igreja e para a Nação.

Expôs as tarefas imediatas do apostolado universitário: a primeira será contribuir para a realização plena da Universidade, completando, do ponto de vista doutrinário, os dados científicos do ensino; orientando a crítica e revisão da própria instituição universitária com a afirmação positiva do que ela deve ser, e estudando os problemas do «meio» e procurando-lhes solução.

A segunda tarefa é corrigir os erros da Universidade, combatendo os desvios doutrinários e a violação das verdades cristãs; e despertando o sentido da inapetência da Ciência para a resolução dos problemas do Homem.

Impõe-se também manter um diálogo vivo entre a Fé e a Ciência universitária: criando interesse pelos problemas de Deus, do Cristianismo e da Igreja; e fazendo conhecer as posições católicas diante dos grandes problemas ideológicos, sociais e morais.

E por último, outra tarefa será conquistar para Cristo, em especial os melhores valores da vida universitária.

Enumerou, depois, as exigências especiais do apostolado universitário, como sejam: a formação essencial do apóstolo; a formação do apóstolo universitário, mediante uma cultura geral sólida, uma preparação filosófica e teológica séria e um prestígio intelectual e hábitos de reflexão.

Outras exigências especiais: fontes de informação e de orientação acessíveis; conhecimento exacto da conjuntura intelectual e espiritual do meio universitário; e acção coordenada sobre o mesmo objecto, em ambos os aspectos fundamentais do apostolado universitário.

«Universidade católica»

A sr.ª D. Maria Isabel Nogueira, de Coimbra, focou o tema «Universidade Católica», enumerando os factos que suscitam o problema em Portugal:

No plano do ensino superior, ausência de disciplinas formativas e de síntese, e falta de uma consciência universitária esclarecida e do sentido da missão social da Universidade.

No plano do pensamento e da cultura nacionais, a orientação do pensamento português contemporâneo e deficiência da alta cultura católica portuguesa.

No plano das exigências específicas do pensamento católico, necessidade imperiosa de uma verdadeira cultura católica, que integre todas as aquisições da Ciência e da Filosofia numa visão cristã do Universo e do Homem; e necessidade de um escolar intelectual católico.

Falando da natureza e missão da Universidade Católica, considerou-a como Universidade da Igreja.

São fins específicos da Universidade Católica, a elaboração de uma síntese cristã do pensamento e a preparação de um escolar intelectual ao serviço da Igreja e da Nação. Outro capítulo interessante desta tese foi o da legitimidade da Universidade Católica.

Estudou depois as relações entre a Igreja e as Universidades no mundo de hoje, apontando as várias formas da presença da Igreja nas Universidades.

Depois de enumerar as Universidades Católicas no Mundo, aludiu ao seu desenvolvimento e situação actual, ao lugar ocupado dentro do ensino da Nação; diferentes tipos de relações entre as Universidades católicas e o Estado; e considerou a sua influência na vida e na cultura dos diversos países.

Por último apreciou as soluções possíveis para o problema das relações entre a Igreja e as Universidades em Portugal.

A primeira seria a criação de uma Universidade Católica propriamente dita; outra seria a criação de Faculdades católicas não existentes nas Universidades do Estado como por exemplo, Teologia, Ciências Sociais, etc.; impunha-se também a criação nas Universidades do Estado de cadeiras de cultura superior católica.

Depois de apontar as vantagens e inconvenientes de cada uma das soluções referidas e as soluções que se excluem e soluções que se completam, a relatora apresentou a solução concreta, que seria a solução ideal e a que melhor serviria os interesses da Igreja em Portugal.

«Tipos actuais de Universidade»

Rogério Martins defendeu a tese intitulada: «Tipos actuais de Universidades», focando os seguintes pontos:

Posição do problema. Adequação do método fenomenológico. Distribuição das Universidades actuais segundo a sua posição perante certos problemas básicos. Quanto aos objectivos da sua missão, as Universidades podem ser éticas e liberais.

As Universidades éticas podem desenvolver-se em Universidades de tipos socialista, tradicionalista e confessional.

As Universidades quanto ás suas relações com o Estado e as instituições nacionais, podem caracterizar-se por três graus de dependência ou de autonomia: financeira, administrativa ou ideológica. Nas suas relações com as corporações profissionais podem caracterizar-se por três posições: alheamento, cooperação ou integração.

Quanto ás relações com a Igreja Católica, as Universidades podem ser declaradamente hostis; professarem alheamento com tendência anticlerical permitindo actividades da Igreja ligada a organizações religiosas nacionais (igrejas reformadas).

E podem estar directamente ligadas á Igreja.

Quanto á organização interna, as Universidades do ponto de vista das disciplinas professadas podem ser do tipo humanista ou técnico.

Do ponto de vista das actividades extracurriculares complementares da educação, ou são inexistentes ou são consideradas essenciais.

Do ponto de vista corporativo ou consideram a existência da vida residencial comunitária (professores e alunos) como parte integrante da Universidade; ou então caracterizam-se por total dispersão residencial, o que equivale á inexistência de vida corporativa.

Há ainda fórmulas intermédias, correspondentes a maior ou menor consciência corporativa que o relator analisou também.

Rogério Martins aludiu á dificuldade de classificação das Universidades devido á interpenetração dos tipos, dando a propósito expressivos exemplos.

Fez finalmente a crítica á luz das exigências cristãs dos dois tipos occidentais extremos, liberal e ético.

«A Mulher na Universidade»

A sr.ª D. Maria de Lourdes Pintasilgo foi a relatora da tese «A Mulher na Universidade».

Depois de apresentar os princípios gerais, falou da dignidade e missão da mulher, considerando-a como colaboradora indispensável do homem («...o homem conhecerá na mulher a segunda dimensão do ser humano» — G. von Le Fort).

E continuou dizendo que a função específica da mulher é a maternidade («Toda a mulher é destinada a ser mãe: mãe no sentido físico da palavra, ou então num sentido mais espiritual e elevado, mas não menos real»: Pio XII, discurso de 21 de Outubro de 1945).

Depois de considerações sobre a dignidade própria da mulher, falou da sua presença na cultura superior, aludindo á mentalidade feminina no que se refere á cultura superior.

Referiu-se também ao que a cultura pode dar á mulher e ao que a mulher pode dar á cultura; e falou, depois, das profissões universitárias e a mulher, e da Universidade e as profissões femininas.

Na segunda parte do seu trabalho a relatora fez a análise da situação actual. Enumerou as modificações introduzidas na vida da mulher pelas actuais condições sociais, políticas e económicas; analisou a personalidade da mulher universitária e a influência que nela exerce

actualmente a Universidade; apreciou os problemas do meio universitário e as possibilidades de os harmonizar com as exigências da vida feminina.

Descreveu a missão da mulher no mundo moderno e a presente organização do ensino superior (crítica e orientações) e concluiu dizendo que a Universidade Católica é o único tipo de Universidade que permite a valorização total da personalidade feminina.

«Preocupações culturais e ideológicas na actual geração universitária»

Adérito Nunes, de Lisboa expôs a tese intitulada «Preocupações culturais e ideológicas na actual geração universitária», que dividiu em três capítulos: os factos, a crítica e orientações.

Primeiramente apreciou a atitude do universitário em geral diante dos problemas da cultura, seu interesse pela cultura, iniciativas culturais estudantis, acolhimento dado pelos universitários ás manifestações culturais que surgem no meio académico; parcelas do tempo e do orçamento aplicadas pelo universitário a interesses culturais; nível, extensão e equilíbrio de seus conhecimentos; unidade e coerência da cultura; e capacidade de discernimento e de juízo.

Falou da orientação da cultura que possui, orientação que o próprio estudante lhe dá; «sentido» que tem para ele cultivar-se; aspectos da cultura por que se interessa ou desinteressa mais; orientação que recebe das fontes de cultura a que recorre; «tendências» dominantes nas iniciativas culturais ao seu alcance; e «tendências» dominantes nas publicações e obras que mais lê.

Citou as influências que actuam na cultura dos universitários: influências de inércia; ideias feitas, preconceitos, disposições intelectuais; influências do meio universitário e exteriores; Língua e ambiente social; influências de acção.

Fez depois a crítica da relação entre o tipo cultural do estudante português da actual geração e as condições presentes do ensino superior e da vida universitária.

Fez ainda o estudo da reacção espiritual dos estudantes perante a Universidade, discriminando os «satisfeitos» e os «desiludidos».

Declarou que as duas formas que a desilusão reveste são o desinteresse mental e o descontentamento activo. E finalmente apontou as consequências dos vários tipos de reacção.

No capítulo orientações referiu-se á necessidade de uma acção que exceda os limites da Universidade, em particular sobre o ensino secundário e por último estudou as condições de uma solução no plano da Universidade.

«Responsabilidade Social da Universidade» foi o tema da tese apresentada pelo Prof. eng. Sousa da Câmara na quarta reunião plenária

O sr. eng. Sousa da Câmara, professor do Instituto Superior de Agronomia apresentou, á tarde, na quarta reunião plenária, a tese «Responsabilidade Social da Universidade».

Presidiu a esta sessão o prof. eng. Alberto Manzanares Abecassis, do Instituto Superior Técnico.

Quando se aprecia — disse — a importância transcendente da Universidade, reconhece-se a sua influência decisiva na defesa e conservação da cultura, na educação da juventude, acção profunda nos domínios da investigação científica, projecção prodigiosa na colectividade, papel decisivo na formação da maior parte dos dirigentes que não-deve constituir o escolar da Nação. Sente-se, porém, que a opinião mundialmente generalizada é a de que a Universidade carece de reforma e que os tempos modernos, com as metamorfoses que se verificaram e as exigências que surgiram, têm mostrado que ela se impõe com a maior urgência.

Mesmo nos países que lograram realizar as melhores Universidades, que conseguiram mantê-las em alto nível, muitas vezes se têm levantado a acusar defeitos, a diagnosticar males, a apontar caminhos novos que os possam evitar, anular ou, pelo menos, atenuar. Mesmo aí se diz que as Universidades devem adaptar-se ás novas necessidades. E em muita parte se afirma que elas estão em crise.

Creu-se que sobre a Universidade recaem enormes responsabilidades sociais para contribuir poderosamente na elevação da Humanidade. Consequente-mente, assim se entende, se estiver devidamente organizada e se for servida por indivíduos de alta qualidade, de grande valor moral e intelectual. Tem-se como certo que será perfeitamente inútil tentar a reforma da Universidade se não houver inteligências e vontades corajosas, desinteressadas, dotadas de tenacidade a toda a prova, apostadas em servir a causa universitária, nos seus múltiplos aspectos, com dedicações ilimitadas, em verdadeiro apostolado. Se não houver um grupo suficientemente numeroso de professores com essas qualidades eminentes, dedicando-se devotadamente aos seus alunos, ás suas cátedras, aos seus trabalhos, prontos a viver as suas vidas na Universidade, se entre eles não houver forte maioria que se dedique á investigação científica, conhecendo os seus profundos reflexos no avanço da ciência e na educação da mocidade, se não houver, em suma, esses esforços, serão baldados todos os esforços que se façam para aperfeiçoar e elevar a Universidade.

Tem-se a firme convicção de que a investigação tem valor formativo. Possui uma força portentosa, material e espiritual: encaminha a juventude, ensina-a a seguir ás boas rotas humanas, dá-lhe uma série de qualidades de alta valia, dá-lhe mesmo o conceito da coesão, o espírito de equipa e por isso leva-a para as várias direcções da cooperação, para a boa compreensão e respeito do trabalho alheio, para a humildade, para a modestia.

Mas sabe-se que a investigação não é balsamo para todas as feridas que afectam a Universidade. Tem-se consciência de que os homens se cegaram com o fulgor do desenvolvimento científico, se encheram de orgulho desmedido, e esqueceram que só Deus permitiu que o génio humano se não perdesse em locubrações estereis, antes lograsse realizações fecundas.

Assim, quando se apregoa a necessidade inadiável de que as Universidades fomentem a investigação científica, aspira-se a que a ética, essa vontade que busca o bem, jamais seja esquecida. Quer-se que a investigação científica, tanto documental ou histórica, como experimental, como doutrinária ou filosófica, seja fonte inexaurível de educação, tanto para os próprios que a praticam como para os que a ensinam ou dirigem. Mas quer-se também que os investigadores compreendam que cada grande descobrimento alcançado os não afasta de Deus, muito ao contrário os

aproxima, que a ciência não se desenvolve só para si mesma, mas para a elevação da Humanidade, para que ela se torne mais nobre, com vida mais justa e com virtudes mais altas.

Creu o autor desta tese que para se desenvolver a investigação científica em Portugal é indispensável criar uma vasta organização, como a que a Espanha instituiu sob o nome de «Consejo Superior de Investigaciones Científicas», organização que seja vivo de investigadores, local de trabalho de todos os valores que as Universidades não possam absorver, que constitua a central coordenadora, orientadora e impulsionadora de toda a investigação científica nacional.

Discutindo-se, depois, o importante papel que cabe á Universidade na formação do escolar, o autor da comunicação afirma que o problema da formação dos dirigentes que constituam verdadeira aristocracia, merecedora deste nome, é uma das questões mais graves da actualidade, e ponderando as circunstâncias actuais, as transformações sofridas pela sociedade, volta a insistir que a Universidade só poderá desempenhar cabalmente essa elevada missão se dispuser de «exemplos».

Só possuindo tais exemplos, gentes que evidenciem o desejo de superação continua, tanto no moral como no intelectual, que denote estar possuída da fé consciente e inventiva de que a sua renúncia ou as suas penas não são estereis, antes produzirão frutos abundantes, é que a Universidade poderá promover a formação de um escolar. Se não houver exemplos, a mentalidade materialista continuará a impor-se e mostrar-se-á tão apegada ás coisas terrenas, absorvida pelas paixões e dominada pelos apetitos e vícios, que a sociedade será cada vez

mais egoísta, mais afastada dos valores morais, pendendo irresistivelmente para o medíocre, para o abatimento continuo do nível geral.

Por último, referindo-se á responsabilidade social da Universidade, nos seus aspectos gerais, o autor aluda a que a Universidade deve ainda desempenhar uma notável acção internacional, afirmando que se reconhece em todo o mundo ocidental que a cooperação entre as instituições de ensino superior deve ser cada vez mais activa e permanente, que há o geral convencimento de que as relações universitárias que venham a estabelecer-se terão efeitos magníficos não só para o progresso incessante da ciência e das suas aplicações, para a defesa e a firmeza da cultura, mas também para o melhor entendimento entre os povos e maior garantia de paz.

A noite realizou-se no salão do I. S. T., um sarau de arte, dedicado aos congressistas, em que colaboraram professores e alunos do Conservatório e das diferentes escolas superiores.

Deu a sua colaboração a este sarau a Polyphonia sob a direcção do cantor-mor Mário de Sampaio Ribeiro, com a pianista D. Nina Marques Pereira.

4^a A Voz 4
(19-4-53)



Fundação Cuidar o Futuro